



A ESQUERDA LATINO-AMERICANA E A REVOLUÇÃO CUBANA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE A DÉCADA DE 1960 E O SÉCULO XXI

Rafael Pinheiro de Araujoⁱ

Professor Adjunto de História da América da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

RESUMO

A Revolução Cubana, além de marco histórico nas lutas anti-imperialistas e anticoloniais na América Latina, transformou-se também em referência teórica e epistêmica para as esquerdas do continente. Nas últimas duas décadas, o uso de referências ao processo revolucionário cubano tornou-se frequente, tanto na construção da imagem de si dos políticos que encaparam essas vitórias, quanto na construção de mecanismos voltados a integração regional, como atesta, o caso da Venezuela. Neste país, Hugo Chávez criou, um discurso mobilizador e uma autoimagem que enredou memória, história e diferentes temporalidades do continente. Recorrendo a alianças e a um alinhamento político com a ilha caribenha, ele criou mecanismos de cooperação voltados à promoção da integração latino-americana, usando o petróleo como importante moeda articuladora. Discutiremos nesse artigo as estratégias de construção discursiva da imagem de si, implementadas por Chávez, bem como resultados práticos do alinhamento político entre Venezuela e Cuba, destacando, principalmente, ações promotoras da integração latino-americana – elemento herdado das lutas pela libertação do continente no século XIX, mas também componente do sonho idealizado, modernamente, pelos dois chefes de Estado.

Palavras-chave: Hugo Chávez; Fidel Castro; Integração; Revolução.

ABSTRACT

The Cuban Revolution has not only been a milestone in the anti-imperialist and anti-colonial struggles in Latin America, but has also become a theoretical and epistemic reference for the political leftwing in the continent. In the last two decades, the use of references to the Cuban revolutionary process has increased, both in the construction of the self-image of politicians who have capped these victories, and in the construction of mechanisms aimed at regional integration, as the case of Venezuela attests. In this latter country, Hugo Chávez created a mobilizing speech and a self-image that entangled memory, history and different temporalities of the continent. Using alliances and political alignment with the Caribbean island, he created mechanisms of cooperation aimed at promoting Latin American integration, using oil as an outstanding articulating currency. In this work, we will discuss the strategies implemented by Chávez to discursively construct his self-image, as well as the practical results of the political alignment between Venezuela and Cuba, highlighting, mainly, actions aimed at promoting Latin American integration - an element inherited from the struggles for the liberation of the continent in the region in the nineteenth century, but also a component of a dream idealized, modernly, by the two heads of state.

Keywords: Hugo Chávez; Fidel Castro; Integration; Revolution.

INTRODUÇÃO

A vitória dos jovens rebeldes de Sierra Maestra em janeiro de 1959, comandados por Fidel Castro, Raul Castro, Ernesto “Che” Guevara, Camilo Cienfuegos, entre outros nomes marcantes, foi um dos acontecimentos mais relevantes e, por isso, um dos mais influentes da história latino-americana da segunda metade do século XX. O contexto da Guerra Fria e os impactos dessa revolução na região, exemplificado no surgimento de grupos guerrilheiros que buscaram no modelo cubano a referência para a transformação social, fizeram dessa experiência o paradigma para os que desejavam a realização da utopia revolucionária na América Latina entre as décadas de 60’ e 80’ do século XX (GOTT, 2004; BANDEIRA, 2009; BROWN, 2010). O êxito da revolução também contribuiu para as alterações das perspectivas do marxismo entre os latino-americanos. Após Fidel Castro assumir-se marxista-leninista, em 1961, parte significativa da esquerda regional buscou a inspiração revolucionária em Havana e não mais em Moscou. Esse aspecto renovou o interesse pela teoria marxista, impulsionando, fortemente, a “nova esquerda” intelectual não apenas na América Latina, mas também na Europa e nos Estados Unidos (WILLIAMSON, 2012, p. 367).

A influência da Revolução Cubana na América Latina diminuiu nos anos 1980. A superação do passado ditatorial, sobretudo no Cone Sul, levou a uma fase de enaltecimento da democracia e dos direitos humanos entre os

diversos agrupamentos políticos de esquerda. Isso desencadeou contestações ao governo cubano, pois a opção pela continuidade da orientação stalinista o isolou daqueles princípios que foram valorizados entre os militantes. Esse adverso cenário político foi incrementado nos anos 90’ do século passado em decorrência da expansão das práticas políticas e econômicas neoliberais e também pela estagnação econômica cubana, decorrente do fim da União Soviética e da perpetuação do embargo econômico norte-americano. Em decorrência disso, uma fase de arrefecimento da luta de classes e do horizonte da revolução ocorreu na América Latina. Naquele período de névoa para os desejosos da radical transformação política e social, os cubanos continuaram a ser o espelho, embora com reticências por conta dos traços autoritários do seu regime. No entanto, a sua capacidade de resistência à asfixia econômica promovida pela potência vencedora da Guerra Fria impressionou os lutadores sociais latino-americanos. Se ao longo dessa fase os cubanos não possuíram, como outrora, as condições materiais para impulsionar revoluções, permaneceram enquanto o arquétipo para as lideranças políticas e para as organizações sociais e partidárias da esquerda.

Esse difícil período para a esquerda latino-americana começou a ser superado em dezembro de 1998. A eleição de Hugo Chávez para a presidência da Venezuela inaugurou um ciclo político que teve alguns contornos revolucionários. A ascensão de governos de esquerda e o protagonismo dos movimentos

sociais fizeram com que distintos projetos de sociedade ganhassem notoriedade a partir de então. Nas experiências mais radicalizadas, como as ocorridas na Bolívia, Equador e Venezuela, a história da revolução cubana foi constantemente resgatada. Os traços nacionalistas, pró-socialistas e de soberania nacional, que pareciam esquecidos nos anos neoliberais, foram retomados e tornaram-se consígnias transformadoras a serem espalhadas pelo nosso continente. Nesse processo, há uma apropriação política do discurso revolucionário cubano que, no entanto, não ocorreu em todos os governos da onda rosaⁱⁱ. Somente nos mais radicalizados as bandeiras políticas de Cuba foram recorrentemente utilizadas e ressignificadas. Nos casos sociais-liberais, abordados posteriormente, o passado da ilha caribenha foi valorizado nas referências à história de luta dos povos latinos, mas ele não foi utilizado com o viés político ocorrido na Venezuela durante o governo Chávez, por exemplo.

Dessa forma, há de se dividir a esquerda latino-americana em dois grupos. O primeiro foi social-liberal. Este teve um programa de governo que coadunou políticas sociais à manutenção dos paradigmas econômicos neoliberais. Nesse agrupamento enquadrados os governos de Nestor e Cristina Kirchner na Argentina, transcorridos entre 2003 e 2015; de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff no Brasil, entre 2003 e 2016; Tabaré Vázquez e Pepe Mujica, representantes da Frente Ampla que governa o

Uruguai desde 2005, entre outros casos. O segundo grupo foi composto por uma esquerda mais radicalizada que possuiu em suas gestões traços nacionalistas, reivindicadores do aprofundamento da participação popular, via democracia participativa, e pró-construção do socialismo do século XXI. Evo Morales (Bolívia), Rafael Corrêa (Equador) e Hugo Chávez representaram um setor que se perfilou contrariamente aos paradigmas neoliberais e que implementou radicais transformações políticas e sociais em seus países. Esse grupo resgatou a luta contra o colonialismo europeu, as resistências ao imperialismo norte-americano e as experiências revolucionárias chilena e, sobretudo, cubana. Estes eventos foram retomados e ressignificados pelos três governos que, pela radicalidade de suas propostas, se destacaram na fase recente da nossa história política.

Um aspecto relevante desse último grupo consistiu nos usos políticos do anti-imperialismo. Essa modalidade de resistência política e cultural, articulada por meio de símbolos, gestos e de um discurso mobilizador, foi empregada largamente por Evo Morales, Hugo Chávez e Rafael Corrêa. Como poderá ser observado neste ensaio, o anti-imperialismo mobilizou o imaginário político de heterogêneos grupos sociais e assumiu um contorno antiamericanista, como em outros momentos da nossa história. Como destacou Ana Maria Vara (2013), o anti-imperialismo foi um contra discurso articulado nas décadas iniciais do século XX.

Vivenciávamos na ocasião o primeiro ciclo de insurreições populares e ações coletivas que marcaram a nossa história durante aquele período. Essa forma de reação política e cultural também se destacou em outros períodos, como no ciclo de lutas populares entre as décadas de 1960 e 1970 (VARA, 2013). Ao refletir sobre a pertinência do anti-imperialismo no ciclo de governos de esquerda das duas primeiras décadas do século XXI, Luis Wainer (2015) ressaltou que a crise dos paradigmas neoliberais derivou na apropriação dessa modalidade de resistência política e cultural. Os discursos e as ações anti-imperialistas se fundamentaram em tradições de lutas da nossa história, nas críticas ao neoliberalismo e também na defesa da integração latino-americana e caribenha (WAINER, 2015). No caso de Hugo Chávez, foco deste ensaio, as narrativas e as tradições anti-imperialistas se fundamentaram em variados episódios da nossa história. Ele resgatou revoluções ocorridas na região, como as de independência, retomou os pactos cívicos-militares ocorridos em experiências políticas regionais e se apropriou de lideranças militares progressistas que marcaram a história latino-americana, como Omar Torrijos, Jacob Arbenz, Juan José Torres e Juan Velasco Alvarado (WAINER, 2015).

Outras particularidades adquiriram notoriedade no segundo grupo de governos de esquerda. O antineoliberalismo, o resgate do passado de lutas independentistas do século XIX e a defesa da unidade regional estiveram presentes nos programas de governo e nos

discursos das suas lideranças. Houve, ainda, uma variada apropriação da história da revolução cubana. A retomada da memória das suas lutas por justiça social e solidariedade; suas ações favoráveis à unidade latina; a sua resistência às pressões econômicas, políticas e militares estadunidenses; e, sobretudo, o seu incentivo à ocorrência de outras revoluções adquiriram notoriedade no vocabulário político das lideranças da esquerda mais radicais. Hugo Chávez, por exemplo, utilizou largamente a história da revolução cubana durante o seu governo. Um lema simbólico dos discursos de Fidel Castro, o *“Patria o Muerte”*, foi recorrentemente manuseado em períodos de lutas políticas. O objetivo consistiu em sedimentar no imaginário político dos venezuelanos a necessidade da soberania nacional e de constante vigilância revolucionária contra grupos políticos de oposição que, supostamente, eram aliados ao imperialismo norte-americano.

A forte conexão entre Hugo Chávez e Fidel Castro fez com que o projeto bolivarianista do chavismo exemplificasse de forma mais veemente a influência da revolução cubana nos grupos de esquerda latino-americanos que ganharam projeção política no início do século XXI. A aliança entre esses dois ícones da história latino-americana, iniciada em dezembro de 1994, deveu-se à recíproca admiração e a interesses políticos, econômicos e geopolíticos. Para Hugo Chávez, a cooperação com Fidel possibilitou que ele se tornasse uma figura reconhecida regionalmente e uma referência

política para a geração de revolucionários surgida na primeira década do século XXI. Já para os cubanos, a proximidade com o comandante venezuelano viabilizou, a partir de 2000, o estabelecimento de uma série de acordos cooperativos que oportunizaram à Cuba o não isolamento político e o não estrangulamento econômico. Esses elementos foram reconhecidos por Fidel Castro em inúmeros discursos, como os que comporão esse trabalho.

Dividiremos este artigo em duas partes, além das notas introdutórias e das considerações finais que o compõem. Na primeira, analisaremos os discursos políticos de Hugo Chávez com o intuito de buscar as raízes históricas do projeto bolivariano por ele defendido. Na segunda, avaliaremos as apropriações da revolução cubana pelo chavismo e demonstraremos as iniciativas que materializaram a parceria daqueles dois proeminentes líderes da nossa história. Como analisaremos na segunda parte deste artigo, a iniciativa da Aliança Bolivariana para as Américas (ALBA) materializou a proximidade entre as duas nações caribenhas e ensejou em nosso continente a perspectiva de um projeto de unidade continental sustentado em valores que historicamente foram reivindicados pelos cubanos, como a solidariedade e a justiça social. O pacto entre os dois comandantes se manteve até os últimos dias de vida do líder venezuelano. Chávez realizou todo o seu tratamento de câncer em Cuba. Entre junho de 2011 e fevereiro de 2013, ele esteve em torno de 17 vezes em solo

cubano e foi operado quatro vezes naquele país. A última fase do seu tratamento contra o câncer ocorreu entre dezembro de 2012 e fevereiro de 2013. Ela foi infrutífera e não foi capaz de salvar a vida desse relevante personagem da história latino-americana, que faleceu em cinco de março de 2013.

NARRATIVAS, DISCURSOS E MEMÓRIA: A VENEZUELA E A HISTÓRIA REVOLUCIONÁRIA DA AMÉRICA LATINA

Um dos temas a serem explorados e conectados, quando analisamos as revoluções cubana e venezuelana, consiste no uso recorrente do passado de resistência à colonização espanhola e das lutas de independência ocorridas no século XIX. Alguns dos personagens simbólicos das lutas contra os espanhóis, como Francisco de Miranda (1750-1816), Simón Rodríguez (1769-1854), Simón Bolívar (1783-1830) e José Martí (1853-1895), foram largamente resgatados por Fidel Castro e Hugo Chávez para legitimar as duas revoluções. A história e a memória daqueles processos emancipatórios foram operadas para criar uma relação identitária com o passado e sustentar a retórica reivindicativa da segunda independência de Cuba e da Venezuela. A utilização das figuras simbólicas da luta contra o colonialismo espanhol também embasou o conteúdo anti-imperialista do castrismo e do chavismo. Assim, atores simbólicos da resistência à colonização

ressurgiram nos discursos dos comandantes com o intuito de legitimar as suas revoluções. A apropriação do passado atendeu ao desejo de construção da imagem de líderes revolucionários desses dois personagens e da própria validação dos seus projetos transformadores. Com o uso dessa estratégia, tanto Castro quanto Chávez recorrem a um tipo de *myse-en-abyeme* histórico, encarando os processos revolucionários que implementaram como componentes de uma narrativa histórica maior, da qual suas revoluções fariam ou fazem parte. Desse modo, do ponto de vista político, eles se alinham aquilo que, do ponto de vista estético, Octavio Paz define como sendo um traço marcante da identidade da América Latina: um esforço para fazer ressuscitar realidades enterradas, reaparecer o reprimido, o recalcado do passado no presente, entrecruzando temporalidades e signos (PAZ *apud* CHIAMPI, 1998), através da construção e, simultaneamente, conexão com um passado glorioso perdido, que legitimaria o próprio processo revolucionário e impulsionaria o nosso continente para um novo.

Em Cuba, por exemplo, os jovens rebeldes recorreram não só às imagens dos próceres da independência, mas também à tradição revolucionária e anti-imperialista latino-americana na ocasião da insurreição contra a ditadura de Fulgêncio Batista (HOBSBAWM, 2017, p. 299). Já na Venezuela, os usos políticos do passado anticolonial e da revolução cubana almejavam a construção de uma imagem de si por Chávez, que é a meta fundamental do

discurso político. Demonstrar que o projeto bolivariano almejou a criação de uma nova independência nacional e que esta estava associada às mudanças socioeconômicas, à radicalização da democracia e à construção de um novo socialismo, constituíram objetivos centrais de Chávez. Por isso, a retórica anti-imperialista e pró-socialista foi largamente utilizada, dando significado histórico e até mitológico à narrativa enlaçada pelo líder venezuelano, associando a imagem que construía de si com a imagem de outros líderes revolucionários, separando-a da temporalidade presente, mesmo que em sintonia com essa, e vinculando-a, também, ao passado e ao futuro, e à utopia; à ideia de uma nova Venezuela, livre, justa e independente, igualitária e solidária. 63

Essas estratégias objetivaram glorificar as duas revoluções com as áureas do passado. Utilizá-lo em períodos revolucionários não significa parodiá-lo ou fazê-lo caminhar outra vez, mas aclamar as novas lutas e engrandecer, na imaginação popular, as tarefas e os sacrifícios revolucionários a serem cumpridos, como afirmou Karl Marx no livroⁱⁱⁱ *O 18 Brumário de Louis Bonaparte* (MARX, 2006). Na Venezuela, a apropriação dos símbolos e dos mitos históricos, a evocação dos heróis nacionais e a realização de cerimônias públicas intencionaram solidificar no imaginário político venezuelano a associação de Chávez com a ocorrência de transformações políticas e sociais. Com isso, intencionou-se a construção do apoio ao bolivarianismo revolucionário por meio de um

imaginário político que recorreu a discursos políticos, pois estes pretendem “(...) ser, em seu propósito, um discurso de verdade que diz qual é o sistema de valores em nome do qual deve se estabelecer o elo social (...)” (CHARAUDEAU, 2008, p. 190). Longe de ser uma peculiaridade venezuelana, essa articulação de temporalidades é um processo comum na construção do discurso político, seja onde for, pois é através dela que o sujeito se associa ao mito, ao conjunto de valores que organizam a vida de uma coletividade, vinculando-se aos modelos de conduta que conferem significação e valor existencial às práticas cotidianas desenvolvidas ao longo do tempo, que converteram o homem no que ele é, ligando-se “às histórias primordiais que o constituíram existencialmente” (ELIADE, 2007, p. 16). Através dessa associação com a história e com os valores plasmados no mito se captura verdades psicológicas, cosmológicas e metafísicas de um povo, reverberando suas principais preocupações em uma construção que une elementos diversos e ajuda a preservar a integridade, a continuidade e a saúde de uma sociedade (*ibid.*).

O chavismo associou as suas bandeiras nacionalistas e revolucionárias à história hispano-americana. Como ocorrido em Cuba, essa ligação ocorreu por meio da evocação das seguintes temáticas: anticolonialismo, soberania nacional, liberdade, dignidade e construção de uma identidade nacional pautada por símbolos e valores locais. Os acontecimentos do passado propiciaram a coesão social e legitimaram as

ações políticas perpetradas por Chávez ao longo do seu governo. O passado de lutas intencionou despertar o nacionalismo nos venezuelanos. Por isso, a abordagem de temáticas, como soberania nacional e anti-imperialismo, foi tão recorrente. Ao mesmo tempo, os variados discursos de Chávez contribuíram para o surgimento de uma consciência de classe que ganhou dimensões cívico-nacionais, pois associou as melhorias socioeconômicas à realização de um conjunto de tarefas nacionais, como, por exemplo, a nacionalização do petróleo, o desenvolvimento produtivo e a distribuição de renda.

O fomento da consciência revolucionária no chavismo derivou da relação dialética com as múltiplas reminiscências das lutas de independência e da revolução cubana. Isso possibilitou a construção de uma identidade nacionalista e anti-imperialista que esteve fortemente presente em nosso vizinho durante a presidência de Hugo Chávez. A utilização do passado de lutas contra o colonialismo espanhol para legitimar as ações revolucionárias do bolivarianismo pode ser identificada nos discursos de Chávez, como o que remetemos abaixo:

São cinco as raízes da revolução, da dialética e da concentração de ideias: Miranda, Sucre, Zamora, Bolívar e Simón Rodríguez (...). A Universidade Militar Bolivariana também poderá formar profissionais civis em soberania, segurança, defesa e quantas formas de saber que tenham a ver com as tarefas de defesa nacional, de desenvolvimento nacional. (...) nossa academia nasceu em plena efervescência revolucionária, para servir à revolução. (...) Estamos aqui 200 anos depois, em

revolução, como nascemos e como seremos de agora em diante e para sempre, escola de revolucionários, de patriotas. (CHÁVEZ, 2010a, p. 5, tradução nossa).

O emprego político dos símbolos da luta por independência sustentou o ideário de construção de uma nova Venezuela por Hugo Chávez. Mais do que as referências políticas, intencionava-se o desenvolvimento de uma nova ideologia, sustentada em uma cultura que reivindicava a memória daquele passado. Até o novo socialismo foi justificado na história dos próceres, o que é altamente discutível do ponto de vista científico, pois eles não pleiteavam a sua construção. O uso do passado emancipatório para a geração de novos valores ideológicos pode ser constatado a seguir:

Bolívar era um pensador pré-socialista ou socialista utópico. Simón Rodríguez desenvolveu, um pouco mais, a tese de um socialismo concreto, mas não alcançou, entretanto, o nível científico de Karl Marx, Frederico Engels, Lênin e outros que sustentaram, cientificamente, a tese do socialismo e a transição do capitalismo ao socialismo. Bolívar e seu planejamento, Simón Rodríguez e Ezequiel Zamora formam as três raízes fundamentais, autóctones e profundas de nosso modelo de socialismo científico, alimentando mais uma de suas raízes, como da revolução chinesa, da revolução russa e da revolução cubana. Estamos criando nosso socialismo, que, para nós, é o caminho da democracia verdadeira e profunda, bem como do Estado popular, social de direito e de justiça, como diz nossa Constituição (CHÁVEZ, 2011, p. 9, tradução nossa).

É importante ressaltarmos que o mandato presidencial de Chávez marcou mais uma fase do uso da figura de Simon Bolívar em nosso

vizinho. O Bolívar reaquistado não foi o herói isolado, mas o mito opulente e responsável pelo êxito dos hispano-americanos contra a colonização espanhola. Temos, portanto, a utilização do Bolívar revolucionário e integrador, que nutriu, durante parte de sua vida, o sonho da união dos povos hispânicos. O chavismo apropriou-se da imagem do Bolívar revolucionário para legitimar os aspectos nacionalista, anti-imperialista e latino-americanistas do projeto bolivarianista. A presença daquele herói nos discursos de Chávez ocorreu desde o início da sua trajetória política. Desde a fundação do Movimento Bolivariano Revolucionário-200 (MBR-200)^{iv}, em 1982, a imagem, as referências teóricas e ideológicas do emancipador foram utilizadas (ELIZALDE e BÁEZ, 2004). Segundo Chávez:

O movimento revolucionário foi carregado de uma ideologia, a ideologia bolivariana. Nós a formulamos durante muito tempo. Essa ideologia tem uma sustentação ética, filosófica e política, que foi articulada a de outros pensadores e autores venezuelanos, como o general Zamora, Simón Rodríguez, o sábio, o Rousseau americano, como chamou Bolívar em algumas ocasiões. Assim, fomos criando uma força transformadora, uma força cívico-militar, pouco a pouco nos fomos armando de uma ideologia, de uma força e de uma estratégia (CHÁVEZ, 2002, p. 18-19, tradução nossa).

As imagens dos emancipadores representaram a estratégia chavista de associação com o passado histórico de seu país e de fundação de uma realidade distinta, encapsulando o seu projeto em figuras ideais. Chávez parte da carência de uma ideologia, o

que impossibilitaria a existência de “um planejamento sério, original e próprio” não só na Venezuela, mas em toda a América Latina. Contudo, como pontua Žižek (1999, p. 7), a ideologia está em tudo, sendo a “matriz geradora que regula a relação entre o visível e o invisível, o imaginável e o inimaginável, bem como as mudanças nessa relação.” Assim, crente na inexistência impossível da ideologia, já que nada está fora dela, mas sempre dentro e em função dela; todo gesto, toda ação e todo movimento estão inseridos no escopo da ideologia, Chávez recorre à própria ideologia e cria um discurso mobilizador, que se não supera a problemática que o preocupava, é capaz de estimular a ação social em função daquilo que ele considera ideal, de seu projeto de país, mas esbarra, constantemente, na necessidade de retorno ao passado, ao antiamericanismo, etc., em uma relação de interdependência e anteposição àquilo que buscava ultrapassar.

O bolivarianismo chavista retomou constantemente pontos específicos do discurso de Simón Bolívar. Todorov (2002), ao discutir os usos políticos da memória e os esforços de rememoração realizados pelo aparato de propaganda dos governos, ressalta que o esquecimento é uma opção, isto é, trata-se de um afastamento de detalhes que, por alguma razão, interessam ou não. Longe de se opor à memória, o esquecimento é um de seus traços constituintes. A memória configura-se no contraste e na interação entre a supressão e a conservação de determinados fatos ou

acontecimentos (TODOROV, 2002). Essa seleção certamente envolve critérios, conscientes ou não, que orientam variadas formas de utilização do passado. Dessa maneira, o Bolívar revolucionário utilizado por Chávez decorreu da sua intensa luta pela legitimação da ideologia de seu compatriota mais antigo, mas também de um processo de esquecimento e apagamento de seus traços autoritários e conservadores, presentes nas falas do herói da emancipação, dando ênfase a adoção de um discurso político revolucionário que também apontou para o desenvolvimento da integração regional e para a construção de um novo socialismo.

A utilização da imagem de Bolívar pelo chavismo possui encontros e desencontros. No que se refere aos encontros, a ligação com o herói revolucionário, anticolonial e defensor da integração da região possui sustentação histórica, por isso, parece-nos acertado reivindicar “esse Bolívar” para alicerçar as bandeiras do bolivarianismo chavista. Em relação aos desencontros, consideramos equivocada a vinculação da imagem de Bolívar ao socialismo do século XXI. Essa associação ocorreu com o uso arbitrário e seletivo dos escritos do “libertador”. Relacionar, por exemplo, a reivindicação de igualdade, liberdade, luta contra as injustiças e equidade social ao socialismo consistiu em uma descontextualização dos fatos históricos. Os libertadores da América tiveram como principal teoria inspiradora o iluminismo. Por isso, consideramos a reivindicação de um Bolívar socialista anacrônica e equivocada, pois

essa apropriação desconsiderou o contexto histórico e os aspectos teóricos que inspiraram os atores centrais das lutas emancipatórias hispano-americanas. Essa apreensão também afastou o chavismo do espírito crítico e da objetividade que devem guiar a própria produção do conhecimento científico. O chavismo, portanto, cria seu próprio Bolívar, selecionando elementos do passado e do presente, para reconstruir um personagem próprio, distinto. Sendo assim, o Bolívar presente no discurso de Hugo Chávez é uma construção, uma encruzilhada heterocrônica e heterotópica, diria Walter (2009), criada a partir da sobreposição da memória, de várias temporalidades, de elementos da experiência, e dos interesses de seu autor.

Por outro lado, a utilização política da independência ressalta que o povo pode ser protagonista da própria História. E é povo, também, por causa desse uso, da possibilidade de construir suas próprias narrativas, sua própria história e seus mitos, a partir de personagens que também lhe são próprios. Em outras palavras, as imagens dos próceres da independência são utilizadas pelo chavismo para desenhar uma linha de continuidade entre as lutas independentistas do século XIX aos processos políticos do início do século XXI. Segundo Villafaña:

Não é um Marx desconhecido e distante das maiorias sociais quem convoca agitando as bandeiras da luta contra a injustiça social. É o próprio Bolívar, em companhia de Simón Rodríguez e Ezequiel Zamora, quem se descobre como agitador, propagandista,

organizador e estrategista de nosso processo de libertação. É a História que dignifica e compromete (...), em que o impulso ideológico conduz os povos à mobilização (...), mas a satisfação coletiva de se sentir parte da resistência indígena; das lutas de independência com Bolívar a frente e de sucessivas confrontações contra os inimigos da pátria ao longo de nossa História (VILLAFAÑA, 2007, p. 64).

O passado de embates contra o colonizador também foi utilizado para demonstrar que o exército venezuelano cumpre um papel revolucionário e é um aliado da população:

Pudera dizer que nós somos e – certamente é assim – herdeiros do exército de Bolívar, o exército libertador. Mas isso não basta porque aqui passamos por fases nas quais os militares também assumiram ditaduras contra o povo, massacraram o povo (...). Em todo caso, havia antecedentes distantes que são necessários e justos invocar. Em verdade, nosso exército nasceu das mãos de orientação bolivariana, é um exército libertador. Assim se chamou desde a origem: o Exército Libertador. Essa marca tem um peso histórico que não se pode negar (CHÁVEZ, 2003, p. 30, tradução nossa).

67

Os triunfos revolucionários do século XIX foram empregados com o objetivo de legitimar as revoluções cubana e venezuelana. Nesse último caso, o uso político, às vezes abusivo e até anacrônico da história dos próceres da independência, decorreu da necessidade de legitimar o bolivarianismo e algumas das suas bandeiras políticas, tais como: soberania popular, independência política, integração regional, entre outros. Com a estratégia de uso das personagens históricas, Hugo Chávez renova o passado e constrói um discurso que unifica e dá coesão à

sua atuação, reforçando e motivando a ação política da coletividade em prol de uma trajetória singular, situada em um escopo ético e ideológico também peculiar, enredado a partir de elementos que se relacionam com o processo de construção não só de seu país mas de toda a América Latina. No próximo tópico deste trabalho abordaremos as possíveis influências do castrismo no projeto bolivariano de Hugo Chávez. Buscaremos as prováveis conexões e avaliaremos a relação desses dois ícones da história recente latino-americana, pois cremos que isso permitiu uma forte cooperação entre Cuba e Venezuela nas últimas duas décadas.

O ENCONTRO DE DOIS REVOLUCIONÁRIOS E A UTOPIA REVOLUCIONÁRIA: A RELAÇÃO DE FIDEL CASTRO E HUGO CHÁVEZ ENTRE 1994 E 2013

Os cubanos construíram a partir da década de 1960 uma rede de compromissos e colaboração com a esquerda latino-americana. Com a constituição da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS)^v, eles tentaram fomentar outras revoluções em nosso continente, pois isso, associado com o protagonismo da esquerda, foi identificado como um elemento relevante para a sobrevivência da revolução. Por esta razão, entre as décadas de 1960 e 1970, os cubanos apoiaram organizações guerrilheiras, colaboraram com governos de esquerda, como o de Salvador Allende^{vi}, entre

1970-1973 no Chile, e incentivaram revoluções, como a salvadorenha^{vii} e a nicaraguense^{viii}. Na década de 1990, outra conjuntura política foi experimentada em nosso hemisfério. Com a desintegração da União Soviética e o consequente fim da Guerra Fria, as possibilidades de novas revoluções se tornaram menos exequíveis. O fim do socialismo real contribuiu para o retrocesso global da luta de classes e, na América Latina, essa circunstância foi perniciososa para os militantes desejosos da revolução social. Na Nicarágua, por exemplo, o novo contexto intensificou a pressão dos “Contras”^{ix} e contribuiu para derrota dos sandinistas, em 1990. Os cubanos se depararam, ainda, com uma situação internacional desfavorável. Com o fim do apoio soviético e a manutenção do embargo econômico pelos Estados Unidos, a sua economia foi asfíxiada e a possibilidade de apoio logístico a movimentos revolucionários completamente se extinguiu.

O cenário adverso não impediu, no entanto, que a aproximação entre Hugo Chávez e Fidel Castro ocorresse. O venezuelano havia liderado em fevereiro de 1992 uma tentativa de golpe de Estado contra o então presidente de Carlos Andrés Pérez. Na história recente do nosso vizinho, esse evento é tratado como paradigmático para analisarmos o esfacelamento do Pacto de Punto Fijo^x e dos paradigmas democráticos sedimentados em 1958. A partir de dezembro de 1994, ocasião da primeira visita de Chávez a Cuba, ele e Fidel Castro estabeleceram uma estreita relação.

As perspectivas teóricas distintas, as quais abordaremos posteriormente, não impediram que o líder cubano fosse para Chávez uma de suas principais referências teóricas para a realização da luta por soberania e por independência nacional. Por outro lado, o comandante cubano nutriu uma forte admiração pelo seu par. Em razão disso, foi estabelecida uma possante parceria, que durou até março de 2013. Isso pode ser constatado em trechos dos discursos dos dois ex-mandatários que citamos abaixo; ambas se referem aos quase 19 anos de intensas relações políticas:

À noite, durante a viagem para Cuba, fugaz, mas profunda, uma compatriota cubana me perguntou no avião se era a primeira vez que eu vinha para cá. Disse que sim. Mas, ao mesmo tempo, disse algo que quero repetir nesse momento tão emocionante. Primeira vez que venho fisicamente, porque em sonhos, para Cuba, os jovens latino-americanos vieram muitas vezes. Nos sonhos, para Cuba, viemos uma infinidade de vezes, nós, soldados bolivarianos do exército venezuelano, que durante os últimos anos decidimos entregar nossas vidas a um projeto revolucionário, a um projeto transformador, (...). Algum dia, esperamos chegar a Cuba em condições de estender nossos braços e em condições de nos alimentarmos mutuamente em um projeto revolucionário latino-americano, imbuídos, como estamos há séculos, na ideia de um continente hispano-americano, latino-americano e caribenho integrado como uma única nação (...) Cuba é um bastião da dignidade latino-americana. Como tal, devemos vê-la, segui-la e sustentá-la (CHÁVEZ, 1994, p. 1-2 e 7-8; tradução nossa).

Assim é a minha relação com Fidel. Eu digo irmão, pois ele é como um irmão mais velho. Veja, eu vou te dizer algo. Meses atrás, Fidel me enviou um texto de várias folhas escritas manualmente (...) Depois de lê-las, escrevi uma carta. Demorei uma noite inteira. Uma noite e um dia (...). No texto que escrevi a

Fidel, havia uma frase que saiu da minha alma, onde lhe disse que acabara de ler uma a uma as seis páginas de sua carta, cada letra e depois de lê-las, fiquei em dúvida se devia chamá-lo de irmão ou pai. É um relacionamento muito bonito (...) Sinto-me muito honrado pela amizade de Fidel e toda vez que sinto necessidade, expresso e agradeço por isso. Não por mim, mas por nosso povo. Esse compromisso de Fidel em cooperar conosco é algo que não acredito que exista precedentes. Não acredito que tenha precedentes de qualquer presidente com outro povo. É uma aliança permanente, consistente e crescente (CHÁVEZ, 2005, p. 94 e 101; tradução nossa).

Poucas vezes na vida, talvez nunca, conheci alguém que tenha sido capaz de dirigir uma revolução verdadeira e profunda por mais de dez anos, sem um único dia de descanso, em um território de menos de um milhão de quilômetros quadrados, nesta região do mundo colonizada pela península ibérica, que durante 300 anos dominou uma superfície 20 vezes maior que a sua, de imensas riquezas, onde impuseram as suas crenças, a sua língua e a sua cultura (CASTRO, 2010a, p. 1; tradução nossa).

69

No dia cinco de março faleceu o melhor amigo que o povo cubano teve ao longo de sua história. Uma ligação via satélite comunicou a amarga notícia. O seu significado foi inconfundível. Embora soubéssemos do estado crítico de sua saúde, essa notícia nos atingiu fortemente. Lembrei-me das vezes em que ele brincou comigo dizendo que quando nós dois concluíssemos nossa tarefa revolucionária, ele me convidaria a passear pelo rio Arauca, localizado na Venezuela, que o fazia recordar do descanso que ele nunca teve. Estamos honrados por termos compartilhado com o líder bolivariano os mesmos ideais de justiça social e apoio aos explorados (CASTRO, 2013, p. 1; tradução nossa).

Nesses fragmentos, há o reconhecimento explícito das parcerias que foram constituídas entre os dois Estados e, além disso, da interrelação cordial e intensa que os dois chefes estabeleceram entre si, entre suas ideias e países, evidenciando de forma contundente um ideário

comum, pautado na crença de integração dos Estados latino-americanos. Estrategicamente, como marcado na primeira parte deste ensaio, Chávez apagou ou não mencionou as contradições do regime cubano ao longo do seu governo, esquecendo-se de fazer, em relação a este, o que fez em relação ao seu Exército Libertador – marcar que nem tudo é consenso e que também é justo invocar os erros, o autoritarismo, por exemplo, assumido pelo processo revolucionário cubano, mesmo que essas contradições não desfaçam sua importância política e social. De qualquer maneira, a revolução cubana foi a referência para o projeto transformador que Chávez construiu. Por isso, a união dos dois países foi vista pelo venezuelano como fundamental para a estruturação do projeto bolivariano e para o fomento da integração latino-americana. Segundo ele:

Mesmo com os seus 83 anos de idade, completos na última quinta-feira, 13 de agosto, Fidel ainda segue na linha de frente da batalha: ele nunca saiu ou sairá dela. Desde a trincheira de ideias, este grande pai dos revolucionários e revolucionárias de nossa América continua nos guiando. Sua palavra é, mais do que nunca, necessária e esclarecedora, agora quando o império contra-ataca (CHÁVEZ, 2009b, p. 1, tradução nossa).

Na segunda-feira, oito de novembro, celebramos o 10º aniversário do Convênio Integral de Cooperação entre Cuba e Venezuela, em Havana. Não foi pouca coisa o que conquistamos durante os dez anos de sua vigência. Desde aquele luminoso dia 30 de outubro de 2000, quando ele foi assinado pelo Comandante Fidel Castro e este servidor, Cuba e Venezuela iniciaram um novo modelo de relacionamento entre os dois países, entre os dois povos. Dez anos... Devemos analisar a quantidade de

obstáculos que tivemos que superar para realizar o conjunto de grandes benefícios que nossos povos gozam hoje: benefícios que, mais do que nunca, merecem o fortalecimento do Convênio para que passem mais dez anos e isso nos ajude a consolidar as nossas revoluções, cada uma com suas nuances, visões e propósitos, mas com uma poderosa raiz fundamental de onde nossas repúblicas recebem suas inspirações. Refiro-me ao legado de Bolívar e Martí e ao nosso sentimento americano e de pátria humanidade: é o legado do qual o Comandante Fidel Castro é uma encarnação viva. Tenhamos em mente que este acordo foi a pedra fundamental da ALBA. Cuba e Venezuela traçaram um caminho comum e compartilhado que vai muito além da integração, para retomar e recuperar totalmente a bandeira histórica que nossos libertadores nos deixaram: a unidade. A unidade fraterna baseada na cooperação, na complementaridade, na interdependência, no apoio mútuo e na plena identificação com a causa do socialismo: o socialismo não como uma receita, como dogma, mas como uma construção coletiva e, dizendo como Mariategui, como criação heroica de cada povo. A irmandade entre Cuba e Venezuela tem uma longa história. Uma história que começa com os planos de Bolívar e Sucre para libertar Cuba, abortados pelos então inimigos históricos de nossos povos, Páez e Santander (CHÁVEZ, 2010b, p. 1; tradução nossa).

70

Embora seja inegável a leitura apaixonada que Chávez faz de Fidel, tendo em vista: a construção discursiva do mandatário cubano enquanto batalhador incansável; a confusão afetiva que estabelece entre si o outro, colocando-se ora como filho, ora como irmão, e, ainda, a ênfase que dá a bandeira da unidade latino-americana, a aproximação entre os dois comandantes não ocorreu com uma completa afinidade ideológica, como muitas vezes o tema foi abordado na academia e na grande mídia. Consideramos Chávez um bonapartista progressista^{xi} que resgatou a tradição nacional-

estatista^{xii} latino-americana. Ele retomou aspectos daquela cultura política^{xiii} em seus quase 15 anos de mandato presidencial. Inclusive, a proposta do socialismo do século XXI, propagandeada por ele após as eleições presidenciais de 2006, continha nítidos traços daquele projeto, o que o distanciou do socialismo construído em Cuba.

A proposta do socialismo do século XXI reuniu diversas matrizes teóricas. O nacionalismo, o keynesianismo, as teses da socialdemocracia europeia e o cristianismo influenciaram aquele projeto, como Chávez reconheceu em inúmeras ocasiões. Ideologicamente, portanto, o bolivarianismo chavista coligou distintas teorias. Esse projeto abarcou desde a perspectiva liberal e anticolonial dos próceres da independência até as vertentes teóricas acima citadas. Já Fidel Castro, construiu a revolução cubana em uma perspectiva nitidamente socialista. A influência soviética contribuiu para que o marxismo guiasse o projeto revolucionário daquele país. Em razão disso, o projeto dos cubanos não envolveu variadas matrizes teóricas. As distâncias de programa foram reconhecidas por essas duas personalidades em alguns momentos, como pode ser constatado a seguir:

Querido Hugo: hoje se completam 15 anos de nosso encontro na sua Aula Magna na Universidade de Havana, em 14 de dezembro de 1994 (...) de forma espontânea e transparente você expôs as suas ideias bolivarianas e demonstrou as condições do seu país na luta pela independência da Venezuela contra a tirania do império.

Depois do esforço de Bolívar e outros colossos que, cheios de sonhos, lutaram contra o jugo colonial espanhol, a independência da Venezuela foi aparente. Nenhum momento histórico é igual a outro; nenhuma ideia ou evento humano pode ser julgado fora do seu próprio tempo. Nós dois utilizamos conceitos que evoluíram ao longo dos séculos e que têm muito em comum com a história distante ou recente da humanidade, nas quais a divisão da sociedade em senhores e escravos, exploradores e explorados, opressores e oprimidos era sempre desagradável e detestável (...). Você, eu e os milhões de venezuelanos e cubanos compartilhamos dessas ideias. Você partiu dos princípios cristãos de sua formação e de um sentimento rebelde. Eu, das ideias de Marx e de um caráter também rebelde. Há princípios éticos universais que são válidos tanto para um cristão quanto para um marxista. A partir deste ponto de partida, as ideias revolucionárias são constantemente enriquecidas pelo estudo e pela experiência (CASTRO, 2009b, p. 1, tradução nossa).

Assumo minha responsabilidade. A única maneira de solucionarmos, definitivamente, o problema da pobreza e da exclusão é avançando pela via do socialismo e da igualdade de todos. Como um dia disse Bolívar: “Algum dia na Venezuela não teremos mais do que uma classe. Seremos cidadãos e teremos os mesmos direitos e deveres...”. Em nosso país, não poderá haver cidadãos de primeira, segunda e terceira. Somos todos filhos de Deus, da mesma pátria e do mesmo povo. Os obscenos privilégios dos que se creem superiores devem terminar. Igualdade, igualdade. Isso vem lá de trás, do Cristo, nosso Senhor. “Amai-vos uns aos outros”, dizia ele (...). Cristo foi um dos maiores socialistas. O primeiro da nossa era. Judas é o maior capitalista, um exemplo do que é o capitalismo, o Judas. (CHÁVEZ, 2011, p. 60, tradução nossa.)

Observamos, igualmente, que a aproximação entre os dois líderes não se deveu, exclusivamente, à referência revolucionária dos cubanos para os lutadores sociais da região. A promoção dos instrumentos de cooperação econômica e de integração regional também os

uniu. A partir de 2000, as duas nações assinaram uma série de convênios e tratados comerciais que permitiram aos cubanos superarem as dificuldades econômicas da década de 1990. A relevância da parceria com a Venezuela pode ser identificada nas palavras de Fidel:

Quando o movimento bolivariano obteve a vitória nas eleições de 1999, o petróleo valia menos de US\$ 10 o barril. Eu me lembro bem porque você me convidou para a sua posse. O seu apoio a Cuba foi espontâneo, como sempre foi a nossa cooperação com o povo irmão da Venezuela. Durante o período especial, quando a URSS entrou em colapso, o império endureceu seu brutal bloqueio contra nosso povo. Em um determinado momento, os preços do petróleo subiram e o nosso abastecimento se tornou exíguo. Você garantiu o abastecimento seguro e estável para o nosso país. Não podemos esquecer que depois do golpe político contra a revolução bolivariana, em abril de 2002, e sua brilhante vitória contra o golpe petrolero, no final daquele ano, os preços subiram acima de US\$ 60 o barril e você, em seguida, nos ofereceu fornecimento de combustível e facilitou o seu pagamento (...) nunca perdoarão a revolução bolivariana pelo apoio a Cuba quando o império imaginou que o nosso povo, depois de quase meio século de heroica resistência, cairia novamente em suas mãos (...) Transcorreram dez anos de exemplar e frutífera cooperação entre Venezuela e Cuba. A ALBA nasceu nesse período (...) hoje o império mobiliza as forças direitistas na América Latina para atacar a Venezuela e, com isso, os estados da ALBA. Se ele se apoderarem novamente dos recursos petrolíferos e gasíferos da pátria de Bolívar, os países do Caribe e da América Central perderão as generosas condições de abastecimento oferecidos pela Venezuela revolucionária (CASTRO, 2009b, p. 1-2, tradução nossa).

A parceria das duas nações caribenhas não se deveu a motivações meramente revolucionárias. Houve nítidos objetivos políticos na relação. Chávez, por exemplo,

resgatou um traço importante da política externa venezuelana da década de 1970, sobretudo, da primeira presidência de Carlos Andrés Pérez, ocorrida entre 1974-1979. Na ocasião, o pragmatismo e a independência política em relação aos Estados Unidos moveram as ações externas venezuelanas. O país buscou expandir sua influência em relação aos estados caribenhos e centro-americanos. A diplomacia do petróleo foi utilizada e o país ampliou o auxílio econômico e a interdependência comercial com essas áreas. De uma forma análoga, assistimos à implementação desses elementos na gestão de Chávez e isso permitiu a ampliação da sua influência política naquelas regiões (VALENTE, 2015, p. 275). Uma das expressões centrais dessa autônoma relação com os países da América Central, Caribe e América do Sul foi a *'Alternativa Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América'* (Alba), criada em 2004 com o objetivo de fazer uma antítese à Área de Livre-Comércio das Américas (Alca). Essa iniciativa foi a mais à esquerda das propostas de integração regional surgida em nosso hemisfério nas duas primeiras décadas do século XXI. O bloco materializou a formação de um espaço político para a propagação das consígnias anti-imperialistas, integradoras, cooperativistas e de solidariedade internacional defendidas por castristas e chavistas. Podemos observar tais aspectos nas palavras de Fidel Castro:

O império não decretou um bloqueio econômico contra a Venezuela - como fez com Cuba - após os fracassos dos seus golpes contra o povo venezuelano, porque teria bloqueado a si mesmo, em razão da sua dependência energética do exterior. Mas, ainda assim, não renunciou ao seu propósito de liquidar o processo bolivariano e ao seu generoso apoio em recursos petrolíferos aos países do Caribe e da América Central, América do Sul, China, Rússia e numerosos Estados da Ásia, África e Europa. A Revolução Bolivariana goza de simpatia em grandes setores de todos os continentes. A relação com Cuba impacta especialmente o império, em razão do bloqueio criminoso contra o nosso país que dura meio século. A Venezuela de Bolívar e a Cuba de Martí, através da ALBA, promovem novas formas de relações e trocas com base racional e justa (CASTRO, 2009, p. 2, tradução nossa).

Milza (2003) apontou que as atividades internacionais expressam os debates políticos, identitários, econômicos, entre outros, presentes em cada nação. Nesse sentido, há interações entre a política interna e a externa, as quais influem na elaboração de uma sobre a outra (MILZA, 2003). A Alba expressou, internacionalmente, a radicalização política vivida pela América Latina no início do século XXI e simbolizou, como dissemos, a aproximação entre cubanos e venezuelanos. A diminuição das assimetrias políticas, econômicas, sociais e jurídicas dos seus membros consistiu no principal objetivo do bloco. Para que isso fosse conquistado, os seus participantes previram o estabelecimento de um comércio justo e solidário, o intercâmbio de bens e serviços, a complementação produtiva e a cooperação nas áreas científica, cultural e tecnológica (ACUERDO entre..., 2004)^{xiv}. Os participantes da Alba desenvolveram entre 2004

e 2012 instrumentos que objetivaram o desenvolvimento socioeconômico dos seus membros. Como exemplo disso, podemos citar o surgimento da empresa petroleira Petroamérica, do Banco de Desenvolvimento do Sul (BANCOSUR), do canal televisivo TELESUR e do plano para a adoção de uma moeda única facilitadora da transação comercial entre os países do bloco, no caso, o Sistema Unitário de Compensação Regional (SUCRE).

A Petroamérica foi importante para o fomento do projeto de integração impulsionado pelo bloco. O chavismo utilizou o petróleo como instrumento promotor de alianças estratégicas entre os países membros da Alba, a partir de 2008. Fundamentada nos princípios da solidariedade e da complementaridade, essa empresa almejou a utilização dos hidrocarbonetos para o desenvolvimento socioeconômico comum dos seus membros (GARCIA, 2009). O uso do petróleo com tal propósito esteve presente no acordo de fundação da Alba. O convênio estabeleceu que a Venezuela venderia petróleo subsidiado para Cuba e, em contrapartida, este país cederia aos venezuelanos aproximadamente 15 mil médicos, além de formar educadores com os métodos, as técnicas e os programas cubanos para atuarem nas diversas missões sociais criadas na gestão de Chávez (ACUERDO entre ..., 2004)^{xv}.

A Alba perdeu influência na América Latina após o falecimento de Hugo Chávez, em março de 2013. Também contribuiu para isso o recrudescimento das forças políticas

conservadores e os impactos da crise econômica, que desde 2014 atinge fortemente a região. Apesar disso, acreditamos na necessidade de valorizar essa iniciativa de integração regional, pois ela foi a principal materialização do projeto anti-imperialista e de unidade continental defendido pelos dois comandantes caribenhos entre 1998 e 2013. A Alba foi justificada no passado de lutas dos latino-americanos contra o colonialismo espanhol, o imperialismo britânico e, principalmente, norte-americano. Esse projeto almejou divulgar entre os latino-americanos os ideais de soberania, independência e unidade largamente reivindicados por Fidel Castro e Hugo Chávez. Por isso, apesar do seu enfraquecimento, sua existência deve ser ressaltada na análise da história recente latino-americana, pois a iniciativa retomou o importante debate sobre a unidade regional que permeou vários momentos da nossa história política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fidel Castro e Hugo Chávez estabeleceram entre 1994 e 2013 uma contundente relação política. A revolução cubana foi a referência para o projeto bolivarianista de Chávez, pois alguns dos seus aspectos centrais, como a soberania nacional, a justiça social, a solidariedade entre os povos e a unidade latino-americana foram incorporados aos discursos e ao programa político do comandante venezuelano. No mesmo sentido, os cubanos também

inspiraram o contra discurso anti-imperialista de Chávez. Como em outros períodos da história da região, essa forma de reação política e cultural foi largamente utilizada. Os ataques aos Estados Unidos, aos paradigmas neoliberais e a defesa da integração latino-americana pautaram essa retórica. Esta fundamentou-se na evocação de variados episódios da nossa história, como as lutas de independência do século XIX e a própria revolução cubana. O efeito prático dessa evocação dos líderes libertadores e independentistas do passado é a gestação de uma aura mitológica, quase salvacionista, que passa a envolver a figura de Hugo Chávez e a motivar a ação política de seus apoiadores, capturando e mobilizando o sonho daqueles que querem ver a Venezuela reinventada, livre, mais justa, mais solidária, sem, no entanto, atravessar o pântano da dependência em relação aos discursos e às forças políticas em ação no país. Nesse sentido, longe de promover as transformações sociais aspiradas, o discurso criado por Chávez se retroalimenta daquilo que combate, fazendo sentido, principalmente, enquanto o inimigo estadunidense persiste, enquanto os fenômenos de dominação e dependência são perceptíveis, sendo necessário, portanto, a constante evocação, também, do inimigo norte-americano.

Embora possuíssem raízes teóricas distintas, como abordamos ao longo deste ensaio, Fidel e Chávez estabeleceram uma profícua parceria que ficou marcada na história da região, erguendo novas bases para a cooperação entre os países latino-americanos. Através dessa

aproximação, Cuba e Venezuela criaram mecanismos que redefiniram as relações entre os países membros das organizações que criaram, a Alba, por exemplo, favorecendo o fortalecimento de parcerias sul-sul, em campos tão diversos quanto o desenvolvimento econômico e social, a cooperação cultural, particularmente através da criação da TELESUR, a segurança energética, etc. Esses dois ícones da esquerda latino-americana utilizaram-se do carisma e de uma forte capacidade de liderança para demonstrarem que a utopia da transformação social não estava enterrada em um sombrio período onde o “Fim da História”, defendido por Francis Fukuyama (1992), vigorava e encantava aqueles que se identificavam com os paradigmas societários dos vencedores da Guerra Fria. Apesar disso, os dois líderes esbarraram nos limites do sonho, da utopia, que, impossibilitada de transformar a realidade, completamente, consegue apenas manter vivos os processos de mudança, transformação e luta.

REFERÊNCIAS

- Acuerdo entre el Presidente de la República Bolivariana de Venezuela y el Presidente del Consejo de Estado de Cuba para la aplicación de la Alternativa Bolivariana para las Américas.** Havana, 14 de dezembro, 2004. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2004/esp/a141204e.html>. Acesso em: 04 ago. 2019.
- ANGELL, Alan. La izquierda en América Latina desde c. 1920. In: BETHELL, Leslie. **História de América Latina - Política y sociedad desde 1930.** Barcelona: Editora Crítica, 1997.
- ANSALDI, Waldo; GIORDANO, Veronica. **História de América Latina.** Madrid: Editora Dastin, 2006.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel - A revolução cubana e a América Latina.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BROWN, Archie. **Ascensão e queda do comunismo.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. Populismo latino-americano em discussão. In: FERREIRA, Jorge. **O populismo e sua história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CASTRO, Fidel. **Perdimos nuestro mejor amigo.** Havana, Março, 2013. Disponível em: https://www.telesurtv.net/pages/Especiales/Chavez_y_Fidel/pdf/perdimos_nuestro_mejor_amigo.pdf. Acesso em: 04 jun. 2019.
- _____. **La hermandad entre la República Bolivariana y Cuba.** Havana, Abril, 2010a. Disponível em: https://www.telesurtv.net/pages/Especiales/Chavez_y_Fidel/pdf/la_hermandad_entre_la_republica_bolivariana_y_cuba.pdf. Acesso em: 04 jun. 2019.
- _____. **La Revolución Bolivariana y la Paz.** Havana, Novembro, 2009a. Disponível em: <https://www.telesurtv.net/pages/Especiales/Chav>

ez_y Fidel/pdf/la_revolucion_bolivariana_y_la_paz.pdf. Acesso em: 04 jun. 2019.

_____. **Mensaje al Presidente de la República Bolivariana de Venezuela**. Havana, Dezembro, 2009b. Disponível em: https://www.telesurtv.net/pages/Especiales/Chavez_y_Fidel/pdf/mensaje_al_presidente_de_la_republica_bolivariana_de_venezuela_4.pdf. Acesso em: 04 jun. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

CHÁVEZ, Hugo Chávez. **Hacia la victoria admirable contra la burguesia y el imperialismo**. Caracas, 2011. Disponível em: http://www.alopresidente.gob.ve/material_alo/12/p--7/tp--31/. Acesso em: 04 jun. 2019.

_____. **Discurso del presidente Hugo Chávez en el acto conmemorativo de los 200 años de la Academia Militar de Venezuela**. 3, sep., 2010a. Disponível em: <http://blog.chavez.org.ve/temas/discursos/academia-militar-venezuela/>. Acesso em: 04 jun. 2019.

_____. **Soldado Bolivariano!** 14, nov., 2010b. Disponível em: https://www.telesurtv.net/pages/Especiales/Chavez_y_Fidel/pdf/soldado_bolivariano.pdf. Acesso em: 04 jun. 2019.

_____. **Chávez en la ONU: Nada podrá detener la Revolución en América Latina**. 24, sep., 2009a. Disponível em: <http://www.chavez.org.ve/temas/discursos/chavez-onu-nada-podra-detener-revolucion-america-latina/>. Acesso em: 04 jun. 2019.

_____. **Fidel...¡Viva Fidel!** Caracas, Agosto de 2009b. Disponível em: https://www.telesurtv.net/pages/Especiales/Chavez_y_Fidel/pdf/fidel_viva_fidel.pdf. Acesso: Junho/2018. Acesso em: 04 jun. 2019.

_____. **Chávez - um hombre que anda por ahí**. Una Entrevista com Hugo Chávez por Aleida Guevara. 1ª. ed. Havana: Ocean Press, 2005.

_____. **Chávez y la revolución bolivariana**. Conversaciones con Luis Bilbao. Buenos Aires: Capital Intelectual S.A, 2002.

_____. **Discurso en Aula Magna Universidad de La Habana**. Havana, dezembro de 1994. Disponível em: [https://www.telesurtv.net/pages/PDF/Discurso_e](https://www.telesurtv.net/pages/PDF/Discurso_e_n_Aula_Magna_Universidad_de_La_Habana.pdf) **76**
[n_Aula_Magna_Universidad_de_La_Habana.pdf](https://www.telesurtv.net/pages/PDF/Discurso_e_n_Aula_Magna_Universidad_de_La_Habana.pdf). Acesso em: 04 jun. 2019.

CHIAMPI, Irlemar. **Barroco e Modernidade: ensaios sobre literatura latino-americana**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ELIZALDE, Rosa Miriam; BÁEZ, Luis. **Chávez Nuestro**. Havana: Editora Abril, 2004.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da História e o último homem**. São Paulo: Editora Rocco, 1992.

GARCIA, Luis Britto. **América Nuestra – integración y revolución – Tomo II**. 1ª. ed. Caracas: Fondo Cultural da Alba, 2009.

GOTT, Richard. **Cuba – uma nova história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

HOBSBAWM, Eric. **Viva la revolución - a era das utopias na América Latina**. 1ª. ed. Org.:

- Leslie Bethell. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MARX, Karl. **O dezoito brumário de Louis Bonaparte**. 6^a. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- MILZA, Pierre. Política interna e política externa. IN: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- MCCOY, Jennifer L e MYERS, David J. **Venezuela: del Pacto de Punto Fijo al Chavismo**. Caracas, Los Libros de El Nacional, 2007.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. A ditadura faz cinquenta anos: história e cultura política nacional-estatista. In: REIS FILHO, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A ditadura que mudou o Brasil**. 1^a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- SUE-MONTGOMERY, Tommie; WADE, Christine. **A Revolução Salvadorenha**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- TODOROV, Tzvetan. A conservação do passado. In: **Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX**. São Paulo: Editora ARX, 2002.
- TROTSKY, Leon. **Escritos latinoamericanos**. 2^a. ed. Buenos Aires: Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones León Trotsky, 2000.
- VALENTE, Leonardo. A política externa da Venezuela entre Punto Fijo e Hugo Chávez: rupturas e continuidades. IN: SCHURSTER, Karl e ARAUJO, Rafael. **A Era Chávez e a Venezuela no Tempo Presente**. 1^a. ed. Rio de Janeiro/Recife: Autografia/Edupe, 2015.
- VARA, Ana Maria. **Sangre que se nos va. Naturaleza, literatura y protesta social en América Latina**. Sevilla: CSIC, 2013.
- VILLAFANA, Luis. **Revolución en la revolución**. Caracas: Fundación Editorial el perro y la rana, 2007.
- WAINER, Luis. Posneoliberalismo y antiimperialismo en la primera etapa de proceso chavista. In: KOZEL, Andrés; GROSSI, Florencia; MORONI, Delfina (coord). **El imaginario antiimperialista en América Latina**. Buenos Aires: Ediciones del Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini/CLACSO, 2015.
- WALTER, Roland. **Afro-América: Diálogos Literários na Diáspora Negra das Américas**. Recife: Bagaço, 2009.
- WILLIAMSON, Edwin. **História da América Latina**. 2^a. ed. Lisboa: Edições 70, 2012.
- ZIMMERMANN, Matilde. **A Revolução Nicaraguense**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ŽIŽEK, S. O espectro da ideologia. In: ŽIŽEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

NOTAS

ⁱ Professor Adjunto de História da América da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em História pelo PPGHC/UFRJ (2013). Participa como historiador convidado do projeto "1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War" organizado pela Freie Universität e pelo Friedrich-Meinecke-Institut. Pesquisador associado Laboratório de

Estudos da Imigração (LABIMI)/UERJ, ao Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET) da UFS e ao Grupo de Pesquisa Estudos de História do Tempo Presente da PUC/RS.

ii A expressão “onda rosa” refere-se ao momento político da história latino-americana vivido no início do século XXI. A partir da eleição de Hugo Chávez à presidência venezuelana, em 1998, assistimos a uma sucessão de vitórias em diversos escrutínios de partidos, movimentos sociais e lideranças políticas de esquerda. Embora apresentassem perspectivas políticas e programáticas diferenciadas, tais governos simbolizaram um novo período da nossa história, que foi marcado pelo predomínio político da esquerda. Com os golpes de estado sofridos por Fernando Lugo, no Paraguai, em 2012, e Dilma Rousseff, no Brasil, em 2016, e o êxito eleitoral de Mauricio Macri, em novembro de 2015 na Argentina, essa tendência sofreu fortes impactos, não obstante o protagonismo político de alguns grupos de esquerda ainda persistir.

iii Essa nossa abordagem deriva da leitura do capítulo 1 da obra de Karl Marx.

iv O MBR-200 surgiu em 1982, ano de comemoração dos 200 anos de nascimento de Simón Bolívar. Esse movimento uniu militares venezuelanos que estavam politicamente próximos a Chávez e que se insubordinaram contra os rumos das instituições democráticas puntofujistas.

v A OLAS surgiu em 1967. A organização buscou fomentar revoluções pela América Latina. Por isso, apoiou com armas, dinheiro e treinamento os militantes que optaram pela luta armada revolucionária na América Latina entre as décadas de 1960 e 1980. Ver: ANSALDI e GIORDANO, 2006, p. 76-77.

vi Sobre o governo de Allende, consultar o artigo de Elisa Campos, que também compõe este livro.

vii O desencadeamento da luta armada em El Salvador ocorreu no início da década de 1970 a partir de cisões ocorridas nos partidos comunista e democrata-cristão, cujos militantes organizaram grupos guerrilheiros espelhados no caso cubano. Em outubro de 1980, a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) foi criada. Ela uniu cinco estruturas políticas que atuaram no país ao longo da década de 1970, a saber: Partido Comunista de El Salvador (PCS), as Fuerzas Populares de Liberación “Farabundo Martí” (FPL), o Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP), a Resistencia Nacional (RN) e o Partido Revolucionario de los Trabajadores Centroamericanos (PRTC). A luta armada foi identificada como o mecanismo de conquista da democracia e de um governo que tivesse condições de impulsionar um programa nacionalista e propositivo de reformas socioeconômicas. A coesão do exército e das elites salvadoreñas, associados ao irrestrito apoio norte-americano, levaram a uma forte reação a FMLN. Em razão disso, presenciamos uma forte guerra civil entre a

guerrilha e as forças repressivas. A violência do conflito levou ao início de negociações de paz em 1987. Estas foram seladas em 16 de janeiro de 1992 em Chapultepec, México. Ver: SUE-MONTGOMERY e WADE, 2006. e *História del FMLN*. In: <http://www.fmln.org.sv/index.php/nuestro-partido/historia-del-fmln> Acesso: Agosto/2018.

viii Em 1963, surgiu na Nicarágua a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Inspirada no modelo cubano de luta guerrilheira, os membros dessa organização reivindicaram Augusto Cesar Sandino como o modelo de líder revolucionário nacionalista, progressista e anti-imperialista que deveria ser seguido. Entre 1977 e julho de 1979 a FSLN conquistou apoio popular e conseguiu a sua vitória. O desgaste da ditadura Anastacio Somoza, em virtude da violenta repressão e da crise econômica do período, fez com que os guerrilheiros sandinistas ampliassem o seu apoio interno. Jovens católicos, influenciados pela Teologia da Libertação, frações da burguesia e da classe média, juventude, operários e camponeses apoiaram o movimento. Naquele período, ações armadas dos sandinistas se conjugaram a insurreições populares realizadas de forma autônoma pelos trabalhadores urbanos. Ver: ANGELL, 1997 e ZIMMERMANN, 2006.

ix Os “Contras” consistiram em grupos armados contrarrevolucionários formados a partir da união de antigos membros da guarda nacional de Anastacio Somoza, presidente deposto pela guerrilha sandinista em 1979, e sandinistas dissidentes. Eles receberam financiamento, foram treinados por agentes norte-americanos durante o governo de Ronald Reagan (1981-1989) e tiveram como bases para o desencadeamento de suas ações Honduras e Costa Rica (WILLIAMSON, 2012, p. 370).

x O Pacto de Punto Fijo foi estabelecido em outubro de 1958. O acordo uniu os principais partidos políticos venezuelanos e foi justificado pela necessidade de criação de condições de governabilidade democrática em nosso vizinho. Por isso, as diferenças ideológicas e programáticas entre as principais agremiações partidárias foram amainadas. Em razão desse pacto, os partidos Comitê de Organização Política Eleitoral Independente (COPEI) e a Aliança Democrática (AD) se alternaram no poder e suas gestões foram conhecidas pela ausência de grandes diferenças programáticas (MCCOY E MYERS, 2007).

xi Acreditamos no caráter bonapartista da revolução bolivariana. A ascensão de Chávez à presidência ocorreu em um momento no qual inexistiam forças políticas organizadas, tanto da direita quanto da esquerda, que pudessem assumir a direção política do nosso vizinho. O conceito de “Bonapartismo Sui Generis” foi cunhado por Leon Trotsky durante o seu exílio no México entre 1937-1940 ao analisar os governos pós-oligárquicos e, em especial, a gestão de Lázaro Cardenas. Na experiência por ele analisada, o aparelho governamental manobrou

politicamente com o proletariado fazendo concessões a estes, o que possibilitou certa liberdade em relação aos capitalistas estrangeiros. Os regimes que se encaixaram nessa variante de “esquerda” dos “bonapartismos sui generis” latino-americanos foram apresentados como possuidores de um caráter “semibonapartista democrático”. Tendo sempre em mente as condições históricas da América Latina, Trotsky apontou a dubiedade presente nesses governos, partidos e movimentos vinculados a essa modalidade “semibonapartista democrática”. Cremos que o bonapartismo progressista de Chávez foi fundamental para o desencadeamento da revolução bolivariana. Ele cumpriu o papel de mediador entre as classes internas, posicionou a Venezuela na luta anti-imperialista, impulsionou a conscientização política de setores populares, fomentou a organização popular, na qual o projeto das comunas foi central, e possuiu uma postura profundamente antineoliberal, que derivou na defesa do nacionalismo econômico e na proposta do socialismo do século XXI. Ver: TROTSKY, 2000.

^{xii} O nacional-estatismo adquiriu importância na América Latina entre as décadas de 30 e 50 do século XX. Os impactos socioeconômicos e políticos da crise de 1929 e de um contexto internacional que fragilizou a capacidade de controle das grandes potências na região, em razão da tensa e instável conjuntura das relações internacionais que culminou na deflagração da 2ª Guerra Mundial, possibilitou esse cenário. Os governos nacional-estatistas foram marcados pelas seguintes características: I - tendência nacionalista, antiliberal e antioligárquica; II - orientação econômica nacionalista e industrializante; III - composição social policlassista; IV - discurso nacionalista e anti-imperialista; V - ampliação da participação política das massas e construção de uma cidadania que reconhecia o trabalhador como o sujeito histórico; VI - institucionalização do movimento operário; VII - realização de reformas sociais; VIII - presença de líderes carismáticos; IX - construção de um imaginário social voltado para o controle social e X - conciliação de classes (ANSALDI e GIORDANO, 2006; WILLIAMSON, 2012)

^{xiii} Segundo Daniel Aarão Reis Filho, a cultura política consiste em representações que possuem normas e valores que forjam a identidade dos grupos políticos. Tem códigos e referências difundidas em uma família ou tradição política, contribuindo, dessa forma, para a constituição de uma visão de mundo. Ao se constituir, ela colabora para modelar as sociedades nas quais vigora e responde a reivindicações econômicas, políticas e culturais. Segundo ele, a cultura política nacional-estatista está fortemente arraigada no Brasil e na América Latina e fundamentou políticas de estado que foram desenvolvidas ao longo das últimas décadas por diversos governos da região (REIS FILHO, 2014, p. 14-15).

^{xiv} Em especial, consultar os artigos 2, 3, 5, 9, 10 e 11 do acordo de criação do bloco.

^{xv} Consultar os incisos 10 e 11 que estabeleceram os compromissos cubanos no acordo entre os dois países.

Recebido em: 18/12/2019.

Aprovado em: 30/01/2019.

Publicado em: 31/01/2020.